

Quintais de Chã da Pia

Amor, Cultura e Tradição

Foto: Darnley Dias Campos



Autora do artesanato: Solidade

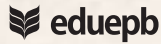
Darnley Dias Campos
Márcia Adelino da Silva Dias



Universidade Estadual da Paraíba

Prof^ª. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof^ª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Moraes de Sousa | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Editora filiada a ABEU

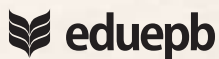
EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

**Darnley Dias Campos
Márcia Adelino da Silva Dias**

Quintais de Chã da Pia

Amor, Cultura e Tradição



Campina Grande-PB
2022



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa | Diretor

Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral | *Design Gráfico e Editoração*

Jefferson Ricardo Lima A. Nunes | *Design Gráfico e Editoração*

Leonardo Ramos Araujo | *Design Gráfico e Editoração*

Elizete Amaral de Medeiros | *Revisão Linguística*

Antonio de Brito Freire | *Revisão Linguística*

Danielle Correia Gomes | *Divulgação*

Efigênio Moura | *Comunicação*

Walter Vasconcelos | *Assessoria Técnica*

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba. Produto Acadêmico vinculado à dissertação de mestrado intitulada "SABERES DA TRADIÇÃO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DA COMUNIDADE RURAL DE CHÃ DA PIA, AREIA-PB".

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

C198q Campos, Darnley Dias.
Quintais de Chã da Pia : amor, cultura e tradição / Darnley
Dias Campos e Márcia Adelino da Silva Dias. – Campina
Grande : EDUEPB, 2022.
45 p. : il. ; 15 x 21 cm ; 1,9 MB.

ISBN: 978-85-7879-718-8 (E-book)
ISBN: 978-85-7879-719-5 (Impresso)

1. Chã da Pia. 2. Cultura popular. 3. Tradição rural. I.
Dias, Márcia Adelino da Silva. II. Título.

21. ed. CDD 306

Ficha catalográfica elaborada por Ana Patrícia Silva Moura – CRB-15/945

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

*Dedicamos este trabalho às
loíceiras de Chã da Píá, que
príncipiaram na arte do
barro e reuniram forças para
perseverar na continuidade
da cultura!*

*Aos filhos, netos e bisnetos das
loíceiras de Chã da Píá, por
crerem que a cultura de um
povo não deve sucumbir!*

SUMÁRIO

<i>APRESENTAÇÃO: sobre uma tradição ainda viva</i>	09
<i>1 A CASA DA CULTURA DE CHÃ DA PIA</i>	15
<i>2 QUINTAIS CULTURAIS DE CHÃ DA PIA</i>	18
<i>2.1 HISTÓRIAS DE VIDA DAS MULHERES QUE FAZEM CULTURA E HISTÓRIA EM CHÃ DA PIA</i>	24
<i>2.1.1 Quintal de Ivoneide Honório (Díndartss)</i>	24
<i>2.1.2 Quintal de Eliane Delfino (Ateliê do Barro)</i>	27
<i>2.1.3 Quintal de Marizete Evaristo (Marizete Artesanato)</i>	29
<i>2.1.4 Quintal de Claudiana Belarmino (Artesanatos da Claw)</i>	33
<i>2.1.5 Quintal de Solidade Firmino (Quintal da Sol)</i>	36
<i>2.1.6 Quintal de Antônia Delfino (Arte em Barro Nena)</i>	38

2.1.7 <i>Quintal de Claudilea Belarmino</i> <i>(Restaurante Barro e Sabor)</i>	40
3 <i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	43

APRESENTAÇÃO: *sobre uma tradição ainda viva*

Este Portfólio consiste de um Produto Acadêmico associado à Dissertação de Mestrado intitulada - “SABERES DA TRADIÇÃO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DA COMUNIDADE RURAL DE CHÃ DA PIA, AREIA-PB”; vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba.

A pesquisa de Mestrado se integrou ao Projeto do Programa Institucional de Fomento à Pesquisa (PROPESQ/UEPB/CAPES), iniciado no ano de 2018, tendo como título - ARTE E CULTURA: a Etnobiologia como via de religação dos saberes da tradição; coordenado pela professora Márcia Adelino da Silva Dias.

Por compreender a importância da conexão entre o ensino, a pesquisa e a extensão, na tríade da formação integral do profissional de educação, os orientandos de graduação e de Pós-Graduação, dos últimos oito anos, tiveram as suas pesquisas de conclusão de curso norteadas pelos objetivos, metas e ações que estavam contempladas no projeto PROPESQ.

Durante o desenvolvimento dos projetos que subsidiaram a elaboração deste Portfólio, priorizamos, a princípio, os estudos sobre os saberes da tradição na construção do conhecimento biológico. Esses, em nossa compreensão, se apresentam como um todo integrado e continuamente voltados ao desenvolvimento humano, conectando as interfaces da história de um povo.

Pensando nisso e, com o intuito de resgatar as histórias de vida das “loiceiras de

Chã da Píã”, principíamos a escuta das falas de algumas dessas mulheres, as quais reproduzimos neste documento.

Um aspecto relevante e frequentemente enfocado pelas loíceiras, diz respeito à preocupação com o desinteresse de seus descendentes na continuidade na arte de fazer a loiça de barro.

Posteriormente, buscamos meios de inserir os jovens e adolescentes nativos nas ações propostas nos projetos de pesquisa que estavam sendo desenvolvidos na comunidade, com o intuito de contribuir para a manutenção da cultura do barro entre eles. Assim, inserimos, dentre os objetivos propostos nos projetos, os estudos sobre a construção/transmissão dos saberes transgeracionais.

Partimos do princípio que nas relações e interações pessoais, a transmissão dos saberes

da tradição se dão processualmente, no âmbito familiar e nas interações que ocorrem entre as pessoas que vivenciam uma tradição, de maneira transgeracional.

Sob esse ponto de vista, consideraremos que, na comunidade tradicional de Chã da Píá, a transmissão dos saberes relativos à arte do barro, praticados pelos artesãos durante a produção de louça e utensílios de barro, tem se dado ao longo das várias gerações, entre as famílias das pessoas nativas do lugar.

Isto posto, entendemos que a transmissão dos saberes transgeracionais se dá de forma processual e bidirecional, uma vez que as trocas entre as pessoas que compõem o núcleo familiar ou que participam de um grupo culturalmente ativo, realizam trocas intersubjetivas e simultâneas. Nessa perspectiva, os saberes culturais que são transmitidos das gerações

antigas para as novas, não permanecem intactos e nem imutáveis através dos tempos.

Isto posto, identificamos que nos resultados das pesquisas realizadas em Chã da Pia, tem havido mudanças na expressão da cultura da produção artesanal das peças de barro, notada por meio da diversidade das peças produzidas pelas gerações sucessivas. Isso pode ser constatado pela variação no design das peças, fundamentalmente quando comparamos as peças das loiceiras mais antigas na tradição da arte do barro e as que têm sido produzidas pelos jovens artesãos.

É possível perceber as influências que os saberes condicionantes da prática de trabalho com o barro são determinados histórico e socialmente, estando vinculados ao tempo, ao espaço e às vivências desse povo a cada geração.

Assim, a produção dos nativos vem carregada de signos, sentidos e significados, os quais foram introduzidos nos primórdios da fundação da comunidade e expressadas nas peças que produzem, em alguns momentos como parte da cultura indígena e, em outros, influenciados pela tradição quilombola.

Sob esse ponto de vista, salientamos que os saberes da tradição se mostram relevantes na manutenção da cultura em comunidades tradicionais, tanto pelo fato de contribuir para a ressignificação da práxis humana, como também por se inserir na mediatização dos processos implícitos da cultura.

Ao longo desses nove anos de pesquisas na comunidade, os resultados sinalizaram duas situações se mostraram como motivo de preocupação em relação à manutenção da tradição do barro, quais sejam: a quebra da

transgeracionalidade, explicitada por meio do desinteresse dos filhos e netos das loiceiras em relação à produção dos utensílios de barro e a dificuldade relatada pelas artesãs para vender os seus produtos.

Diante destes fatos, buscamos desenvolver ações de socialização da cultura de Chã da Píá, por meio da introdução dos perfis da comunidade nas redes sociais e a abertura de um espaço físico nos quais as peças produzidas pelas artesãs pudessem ser expostas. Com essa finalidade, inauguramos a Casa da Cultura de Chã da Píá.

1 A CASA DA CULTURA DE CHÃ DA PIA

Chã da Píá é uma comunidade rural localizada na região de transição entre as microrregiões do Brejo e do Curimatauí. Está situada na porção noroeste de Areia, estabelecendo limite com Remígio,

delimitada a oeste pela rodovia estadual PB-105 e ao sul pelo Rio Araçagi ou Rio da Pía.

Os termos “Chã” e “Pía”, no Dicionário Michaelis (2015) - “Chã” é substantivo feminino; regionalismo da região Nordeste (rechã), do latim planam, “área de terra plana e elevada, limitada por terreno escarpado em pelo menos um dos lados: planalto, platô, rechano, rechão”; “Pía” é regionalismo (Bahia), rocha naturalmente de morfologia côncava, “onde se acumula água da chuva”.

A comunidade apresenta uma bela paisagem, com elevações arborizadas que contrastam com as depressões rochosas que constituem os tanques. Esses reservatórios naturais, esculpídos nas rochas, são utilizados como bebedouros para os animais e como única fonte de obtenção de recursos hídricos pelos nativos, para a realização das

suas atividades, em tempos anteriores à construção das cisternas particulares.

Intencionando disseminar a história da comunidade de Chã da Pía e contribuir para a socialização das histórias das loiceiras, fundamos a Casa da Cultura, no dia 07 de dezembro de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal dos pesquisadores.

Essa Casa tem se constituído em um local de reuniões com os artesãos, para planejarmos as atividades a ser realizadas no âmbito dos projetos que estão em

andamento a comunidade e, ao mesmo tempo, também se apresenta como um espaço de exposição de peças e socialização dos aspectos voltados à cultura das Loíceiras.

No local, é possível conhecer um pouco da cultura da comunidade por meio das peças que são produzidas pelos artesãos da localidade. Todas as peças expostas são fabricadas manualmente, de forma artesanal, utilizando o barro que é “cavado” na própria comunidade e nas imediações dela. Está aberta à visitação de sexta a dom ngio, necessitando de agendamento prévio.

2 QUINTAIS CULTURAIS DE CHÁ DA PIA

Pelo fato de as loisceiras, relatarem as dificuldades de venda de seus produtos, buscamos desenvolver a oes voltadas ao empreendedorismo que aliassem a

manutenção da cultura e incentivassem os jovens da comunidade a se inserir no contexto da tradição.

Nos projetos que temos desenvolvido na comunidade, conseguimos identificar vinte e oito ateliês de produção de louça e utensílios a partir do barro. Pensamos em criar estratégias que gerassem emprego e renda para as famílias nativas.

Percebemos que os ateliês se constituíam em importantes espaços de trabalho artesanal das famílias, que tem se mantido com os recursos advindos dessa cultura, mas também um importante meio de disseminar a cultura do lugar. Por isto, decidimos organizar, juntamente com os nativos, um roteiro da trilha de visitação pelos Quintais.

Mapa 1: Localização dos Quintais Culturais de Chã da Pia, Areia-PB. Ano: 2021.



A partir dessa perspectiva, idealizamos a construção de espaços de vivências da história e da cultura do lugar, por meio das Quintais Culturais de Chã da Pia. A princípio, oito famílias de artesãos aderiram ao projeto que objetivou associar os seus ateliês aos Quintais Culturais.

Nos seus ateliês e nos Quintais Culturais de Chã da Pía, é possível observar muitos traços da tradição. Com os torrões de barro organizados em um espaço do ambiente cheio de histórias, em sua maioria, as mulheres loiceiras utilizam um pequeno reservatório de água e utensílios simples que são utilizados pelas suas mãos habilidosas para transformar os torrões em belíssimas peças.

A proposta consistiu de criar espaços de vivências do trabalho das mulheres loiceiras e o compartilhamento das suas histórias que são contadas em seus ateliês.

Cada Quintal foi organizado mantendo as características próprias e identitárias de cada loiceira. Isto inclui a sua habilidade específica e estão relacionadas à sua prática de produção individual da loiça de barro e às suas

histórias de vida, proporcionando uma incursão pela história da comunidade.

As etapas da produção das peças artesanais feitas do barro de loiça são bem definidas. A parte de cavar o barro, levar para a própria casa, modelar o barro com as mãos são realizados pela presença majoritária de mulheres (assim como a comercialização das peças), já a queima das peças é serviço majoritariamente realizado por homens. Mas já foi visualizado mulheres também combinando e realizando a queima. O que podemos concluir que a questão de gênero é presente nesta divisão

A prática de produção da loiça e dos utensílios de barro tem se constituído como uma importante fonte de renda para as famílias de Chã da Píá, desde tempos remotos. A cultura expressada por meio das peças de barro produzidas pelos nativos tem

associação com a etnia indígena das pessoas da comunidade.

As características dos utensílios e loiças produzidas pelos nativos de Chã da Pía, remetem às práticas milenares desenvolvidas pelos povos indígenas.

De acordo com as fontes bibliográficas pesquisadas, o nordeste do Brasil foi habitado por três grandes grupos de povos indígenas: os Potiguaras, os Pataxós e os Xucurus; dentre uma diversidade de grupos menores.

Segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008), os Potiguaras estão localizados no estado da Paraíba e se constituem no maior grupo indígena preservado no nordeste do Brasil.

Na comunidade de Chã da Pía, encontramos as famílias praticando a arte

de produção de loiça e utensílios utilizando o barro como matéria-prima.

2.1 HISTÓRIAS DE VIDA DAS MULHERES QUE FAZEM CULTURA E HISTÓRIA EM CHÃ DA PIA

Iniciamos a descrição dos ateliês das mulheres que têm mantido a cultura da produção de louça de barro na comunidade, a partir da Casa da Cultura de Chã da Pia.

2.1.1 Quintal de Ivoneide Honório (Díndartss)

O primeiro Quintal Cultural que foi organizado por Ivoneide Honório (Dona Dinda) e a sua filha Aline Honório.

Dona Dinda, seu apelido e o nome da marca (Díndartss), foram dados por sua filha mais velha (Aline). Artesã desde a infância, iniciou a arte de fazer loiça de barro para ajudar no sustento da família,



contudo, via a produção de loiça de barro um trabalho forçado, o considerava muito desgastante e exaustivo. Diante disto, decidiu parar de produzir as peças de barro quando saiu da casa dos pais, uma vez que não associava a arte a memórias boas.

Há cerca de dois anos, estimulada pela sua irmã (também loiceira), Dona Dinda decidiu voltar a produzir peças de barro e, mesmo considerando não ter mais prática, buscou aperfeiçoar a técnica e retomar a cultura de produção de loiça.

A sua filha e parceira na produção e comercialização das peças de barro, Aline Honório, é estudante de Medicina Veterinária da UFPB. Atualmente administra

o negócio familiar Dindartss, juntamente com a sua mãe.



Relatou que a sua inspiração veio ao ver a sua mãe produzindo peças de barro, se sentindo estimulada a criar as suas próprias peças.

A mais jovem escultora de Chã da Pía foi agraciada com o prêmio Aldir Blanc em 2021, com a peça da foto ao lado.

Neste Quintal, na entrada, é visualizado o “cantinho das plantas”, com mudas em vasos de barro. É um Quintal amplo, contendo: balanço feito de bambu para descanso e ao mesmo tempo que aprecia o ambiente; exemplar de cômodos rústicos de

casa feita de taipa, ornamentado com objetos antigos (há décadas de fabricação) no seu interior.

2.1.2 Quintal de Eliane Delfino e Ismael Barros (Ateliê do Barro)



Iniciou a sua história como loiceira por volta dos doze anos de idade, quando teve o interesse em aprender a arte com uma de suas irmãs.

Filha de loiceira, inicialmente se mostrou resistente em principiar no ofício, apesar de acompanhar o trabalho da sua mãe e das irmãs.



A família trabalhava junto, produzindo as peças de barro e as vendia como meio de subsistência, como as demais mulheres da comunidade. Aos dezoito anos, casou com Ismael Barros, também artesão (escultor) e filho de loiceira.

Profissionalmente, o casal se aliou para manter a tradição do barro e Ismael tem produzido esculturas e miniaturas que reproduzem situações do cotidiano, inclusive voltadas a outras



expressões de arte, além das peças de barro clássicas.

Unida à surpreendente capacidade do casal para idealizar uma diversidade de utensílios de decoração, todos de muito bom gosto, criaram um espaço muito harmônico, cheio de cores e de vida, para receber os visitantes que queiram ouvir as suas histórias e conhecer a sua arte.

2.1.3 Quintal de Marizete Evaristo (Marizete Artesanato)

Nascida em uma família tradicional na produção de peças de barro, teve inspiração nos trabalhos realizados pela sua avó, que também ensinou a arte à sua mãe (in memoriam) que, aos



74 anos, ainda produzia loiça de barro.

Iniciou a sua história como artesã produzindo miniaturas de panela de barro.

Posteriormente, despertou o interesse de produzir outros tipos de peças, com barro, que fossem diferentes das habituais loiças e fogareiros de barro. Isto a levou a produzir bonecas esculpidas com barro.



As primeiras bonecas de Marizete foram expostas no cruzamento da rua aonde mora e isto passou a chamar a atenção das pessoas que passavam pela rua. Algumas pararam para perguntar aonde vendiam aquelas peças e isto incentivou Marizete a diversificar as suas bonecas.

Um aspecto importante, observando no âmbito da realização dos projetos em Chã da Pia, tem sido a inserção dos jovens artesãos no contexto do trabalho com o barro.



Estamos diante de uma comunidade tradicional na qual as famílias veem transmitindo a cultura intergeracionalmente e, como esperávamos, as atividades, após a inserção das novas propostas do fazer dessas mulheres, atraíram os olhares dos seus filhos e netos para uma nova visão sobre a cultura de subsistência a partir do artesanato.

Sob esse ponto de vista, vislumbramos o surgimento de uma nova geração de pessoas que irão manter a cultura do lugar. A

exemplo disto, a filha de Marizete tem se mostrado muito habilidosa na criação de bonecas.



As duas passaram a trabalhar juntas e fundaram “A Casa de Boneca”, que compõe um dos ambientes de seu Quintal.

Neste Quintal, podemos encontrar um espaço muito agradável e cheio de histórias, com várias peças coloridas de artesanato figurativo espalhadas pelo local, ornamentando o Quintal.

Nele, possui: o forno artesanal para assar as peças de barro; o “cantinho da

selfie”, local alegre e colorido para tirar fotos e os visitantes guardarem de recordação deste ambiente de encher os olhos.

2.1.4 Quintal de Claudiana Belarmino (Artesanatos da Clau)

Filha de uma artesã tradicional da Comunidade de Chã da Píá, dona Marizete (59 anos), Claudiana aprendeu a fazer panelas de barro com a mãe.



Claudiana observava a mãe criando as suas peças e, junto com as demais loiceiras da comunidade, saía para vender, nas feiras livres próximas à Chã da Píá, ou mesmo para os moradores da localidade.



Naquele período, era comum as pessoas fazerem o escambo dos produtos, então, quem não sabia fazer panela poderia adquiri-las trocando por alimentos produzidos em seu Quintal.

Inserida muito precocemente no contexto do trabalho das mulheres loiceiras da comunidade, Claudiana, por muito tempo, acreditava que só sabia fazer panelas.

Posteriormente foi experimentando criar modelos e formas diferentes, em relação aos modelos e formas que havia aprendido a fazer com dona Marínez.

A partir daí, passou a criar propostas de mesa posta produzidas a partir do barro e isto se mostrou como um ramo muito promissor para negócios. Com os elogios em relação às

peças de servir, foram sendo inspiradas a produção de jarras, potes, bules, frigideiras, cuscuzeiras, kit para chá, conjunto para fondue, travessas de diferentes modelos e formas.

Todas as peças podem ser apreciadas e adquiridas em seu ateliê, que está localizado no Quintal que recebeu o seu nome.

O Quintal da Clau é um ambiente aconchegante, com: balanços, placas com frases motivadoras de dizeres locais, forno para assar as peças de barro assim como a lenha para a queima delas, plantas frutíferas, local de descanso que também possibilita uma boa prosa.

2.1.5 Quintal de Solidade Firmíno (Quintal da Sol)

Nascida em uma família tradicional de loiceiras, teve como inspiração a sua avó, dona Sebastiana, hoje com 90 anos de idade,



e ainda produzindo loiça de Barro.

Naquele período, as mulheres loiceiras, na tradição da comunidade de Chã da Pía, produziam as peças para garantir o sustento da família.

Elas viajavam para as cidades vizinhas para vender as peças e, quando não as vendiam, as trocavam por alimentos.

Por muito tempo, Solidade (Sol) observou a sua avó produzindo as peças e barro. Tinha apenas 5 anos de idade quando pegou um bolo de barro, sem que a sua vó percebesse, e o transformou em um prato. Com muita sabedoria, dona



Sebastiana elogiou o trabalho da neta e a incentivou a dar continuidade à tradição.

A partir daí, foi iniciada a sua trajetória, com uma ampla produção de peças semelhantes às da sua avó. Posteriormente, foi se voltando para a produção de mudas de plantas, esculturas e utensílios de decoração, inclusive vãos.

No início de 2021, Sol ampliou o seu universo criativo, com a organização de um

espaço de convivência muito bonito e agradável, anexo ao seu ateliê.



No local (Quintal da Sol), você desfrutará de um amplo ambiente, a céu aberto, no qual encontrará uma diversidade de mudas de uma grande variedade de plantas, vasos e outros artefatos para ornamentar o seu jardim, além de poder contar com as dicas da Sol a respeito de jardinagem e paisagismo.

2.1.6 Quintal de Antônia Delfino (Arte em Barro Nena)

Conhecida na comunidade como Dona Nena, iniciou na arte da produção das peças de barro aos nove anos de idade.

A princípio, ajudava a sua mãe amassando e molhando o barro, que ela mesma classifica como uma das atividades mais fáceis na produção das peças de barro.



Posteriormente, passou a produzir pequenas peças para que a sua mãe finalizasse e, por fim, aos doze anos de idade, sentiu-se estimulada a produzir pratos e panelas de barro. Assim passaram-se dez anos, trabalhando com a sua mãe. O dinheiro, advindo da venda das peças, utilizava para comprar os seus objetos de uso pessoal.

Após quatorze anos sem produzir peças de barro, uma vez que se dedicou a outras



atividades de trabalho, retornou ao ateliê e aperfeiçoou as técnicas da arte com o barro.

Desde então, Dona Nena tem se dedicado a produzir, além de panelas e fogareiros de

barro, jarras e vasos, utensílios de cozinha e peças para compor mesa posta.

2.1.7 Quintal de Claudílea Belarmíno (Restaurante Barro e Sabor)

Claudílea é mais uma jovem empreendedora da Comunidade de Chã da Píá. Formada em Pedagogia e professora de uma das escolas de Chã da Píá, na qual atua na educação de Jovens e Adultos.

Sempre se apresentou como incentivadora da participação dos moradores da Comunidade nos projetos que temos levado nos últimos anos.

A sua preocupação com a falta de emprego e renda a comunidade sempre foi assunto das nossas reuniões com os integrantes dos projetos.



Filha de uma loiceira, dona Marínez (59 anos de idade), dos quais cinquenta e um anos estão dedicados a produção de loiça de barro para garantir o sustento da família; Claudilea não se sentia estimulada a seguir na tradição da família.

Diante disto, decidiu investir no ramo da gastronomia, inaugurando o

Restaurante Barro e Sabor; especializado em comida regional.

Durante o período de isolamento social, em decorrência da pandemia pelo Covid-19, estive muito preocupada com as relações de emprego e renda dos moradores da comunidade, inclusive de sua família.

O Restaurante Barro e Sabor se localiza na mesma residência, ao lado do Quintal da Clau. Nele, as comidas típicas são cozidas no



fogão a lenha, a exemplo da galinha caipira, feijão, farofa, peixe e arroz.

Todas essas delícias são cozidas em loiças de barro produzidas na comunidade, e servidas em pratos e copos também de barro. Aqui, enquanto nos deliciamos, podemos apreciar o

quintal ao lado, com muito verde e bem ornamentado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A priori, houve uma forte tendência dos membros da comunidade, em se disponibilizar a participar do projeto, contudo, os jovens nativos demonstravam pouco interesse em participar das atividades de pesquisa/extensão propostas no projeto.

Felizmente, o engajamento dos jovens na cultura e saberes tradicionais de produzir peças de barro está em crescimento. Assim, mais moradores da comunidade desta faixa etária está aprendendo e se tornando novos artesãos do barro. Isso nos deixa felizes, porque a manutenção dos saberes tradicionais transgeracionais segue o fluxo contínuo e perene.

A distância da comunidade de Chã da Pía em relação à Campina Grande não inviabilizou a realização das atividades propostas, nem impediu que estivéssemos presentes de forma contínua e frequente na comunidade. Isto contribuiu para um maior entrosamento da equipe de pesquisadores com os nativos.

Nos últimos dois anos, apesar da pandemia, identificamos que houve um maior avanço no processo de desenvolvimento da comunidade. A reestruturação da logística das visitas na comunidade, a partir desse acometimento, foram discutidos no ano de 2020. Em 2021, as trilhas Culturais Quintais de Chã da Pía foram inauguradas no dia 17 de setembro.

Desde então, esta bela localidade passou a ser mais conhecida. Até foi matéria

de uma emissora de telejornal paraibano e de sites com foco cultural. A cada dia que passa, o interesse em conhecer Chã da Pía vem aumentando, com visitas de pessoas do país todo, e vendas de peças artesanais de barro até para fora do Brasil, participação em salão de artesanato em João Pessoa e Campina Grande.

Assim é Chã da Pía: comunidade rural tradicional paraibano ganhando espaço e reconhecimento merecido.